



Apresentação

Esther Hamburger¹

O entendimento do mundo contemporâneo já não é mais algo que se possa praticar apenas com o recurso da linguagem verbal. Antes, ele é algo que resulta de uma radical investida em direção a um pensamento audiovisual pleno, construído com imagens, sons e palavras que se combinam numa unidade de ordem superior, de nível mais complexo.

Arlindo Machado

Escrevo essa apresentação nos últimos dias de 2021. Estamos de luto. Uma nova onda de Covid-19 castiga diversas partes do mundo, as enchentes no sul da Bahia nos lembram de imagens recentes em outras paragens. A pandemia faz recrudescerem as desigualdades sociais que insistem e persistem. O Brasil está chegando à marca terrível de 630 mil mortos, mais de 12% do total de mortos do mundo, quando o total da população brasileira não chega a 3% da população mundial. Essa revista se debruça sobre diferentes meios, formas e abordagens em busca de chaves para compreensão das relações entre imagens, sons e processos de transformação que nos ajudem a avançar na construção de possibilidades alternativas ao Estado centralizador da produção e ao seu inverso ultraliberal sem proteções, o capital concentrado em poucas corporações transnacionais.

Em nosso programa, o PPGMPA (Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais) ou em nosso departamento, o CTR (Departamento de Cinema, Rádio e Televisão), na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), depois de Arlindo Machado, perdemos mais dois professores gigantes, Ciro Marcondes e Vânia Debs. Ambos, cada um a seu modo, contribuíram enormemente para a formação de gerações de estudantes de graduação e pós-graduação. Ciro Marcondes ergueu os alicerces de uma Nova Teoria da

¹ Editora da Revista Significação, Professora Titular do Departamento de Cinema, Rádio e TV da ECA-USP e Bolsista 1D do CNPq. E-mail: ehamb@usp.br



Comunicação. Atuando na intersecção da filosofia, comunicações e sociologia, buscava formas críticas de comunicação, em diálogo com pesquisadores internacionais. Sua atuação incluía a Rádio USP. Vânia Debs foi montadora com atuação consistente no cinema brasileiro contemporâneo, especialmente entre os cineastas pernambucanos, a partir de *Baile perfumado* (1996) de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, marco do cinema da “retomada”; Vânia atuou também no cinema paulistano de Isa Ferraz, Anna Muylaert e Chico Teixeira, entre outros. Homenagearemos os dois colegas em meados de março, quando está prevista a retomada das aulas presenciais no início do ano letivo de 2022.

Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, o Brasil se destacou por estar na contramão de políticas que desconstruíram mecanismos de Bem-Estar Social em diversas partes do mundo. O país se transformou a partir das proteções criadas na Assembleia Nacional Constituinte e expressas na Constituição de 1988. Mais de 30 anos de políticas inclusivas consistentes, crescentes e coerentes produziram mais de uma geração disposta a aprofundar as mudanças em direção à consolidação de mecanismos democráticos de participação e descentralização. Embora desigualdades estruturais não tenham sido superadas, e a economia tenha sofrido de desindustrialização, houve avanços que podem ser medidos por índices como aumento da expectativa de vida e queda da mortalidade infantil, entre outros indicadores. A contribuição substantiva, estética e política de cineastas procedentes de diversas comunidades, primeiros e primeiras em suas famílias a frequentar cursos universitários, sugerem que as periferias se tornaram também centro.

O esgotamento do modelo econômico e político que sustentou décadas de inclusão social e política abriu espaço para a reação. A judicialização e a espetacularização da vida cotidiana promoveram ações policiais de suspense à pauta privilegiada de telejornais. Ao mesmo tempo, inspirada em experiências internacionais de manuseio desautorizado de dados privados, a campanha presidencial de 2018 não foi televisionada. Ou melhor dizendo, embora alianças políticas tenham sido feitas com base no tempo de propaganda no horário eleitoral gratuito no rádio e na TV, essas campanhas não definiram o resultado. Com base na circulação de desinformação, facilitada pelo acesso restrito, mídias sociais foram decisivas para a formação da opinião eleitoral. Na atual conjuntura, a legitimidade



das eleições de 2022 é repetidamente atacada, junto com as vacinas, em uma paradoxal campanha oficial de desinformação.

A pandemia polarizou a atenção pública enquanto a desconstrução de estruturas de regulação ocorre a cada dia nas minúcias das legislações específicas – da pós-graduação nacional, do arquivo nacional, da mineração, do fundo setorial do audiovisual, do SUS (Sistema Único de Saúde), dos agrotóxicos. Acervos públicos na área da cultura estão ameaçados. Bancos de dados, como o da saúde, também.

Apesar da atrofia retrógrada que domina instituições políticas, consumidas por práticas eleitoreiras convencionais, sem transparência, há efervescência científica, cultural e artística.

As ciências médicas obtiveram avanços consideráveis em tempo real no entendimento e tratamento da Covid-19. A pesquisa e o conhecimento se acumulam em sincronia e em sintonia com os movimentos da própria doença. Nas artes, o pensamento se renova com a consolidação de intelectuais e artistas negros, mulheres e indígenas, com interpretações do mundo que buscam se aproximar de formas de organização menos hierárquicas, abertas à participação não institucionalizada, à diversidade, a diferentes sensorialidades, e mesmo à tecnologia, que inspira movimentos democráticos, sensíveis ao ambiente, a diferentes concepções de vida e à justiça social.

Formas audiovisuais diversas estão implicadas nesse mundo em ebulição. Corporações dedicadas à economia digital redefinem as relações de trabalho e muitas vezes estimulam práticas e ideias ultraliberais que remetem ao mundo pré-hobbesiano e pré-capitalista: o homem lobo do homem. Estados nacionais se enfraquecem diante da agressividade anti-regulatória de fluxos transnacionais de capital e tecnologia.

Plataformas de streaming se situam de maneira complexa nesse jogo. Elas aumentam a demanda pela produção local de séries e filmes, abrindo múltiplas oportunidades de trabalho. Mas elas também instauram um sistema de produção descontínuo, sem direitos trabalhistas, que se pauta em formas centralizadas de organização da produção de acordo com critérios próprios de objetividade e narrativa. Dados de audiência, anteriormente construídos de acordo com critérios ao menos parcialmente conhecidos, fundamentam a construção de algoritmos arbitrários, que regulam a oferta e a procura, limitando e conduzindo o acesso a conteúdos de maneira unilateral sem transparência.



No trecho que serve de epígrafe a essa apresentação da edição 57 da *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, retirado do artigo de Jane de Almeida, que compõe a segunda parte do Dossiê Arlindo Machado, o autor alerta para a complexidade e a especificidade das imagens e sons, que não podem ser apreendidos exclusivamente a partir da linguagem verbal.

Como imagens e sons participam da cena contemporânea? Como formas e meios audiovisuais intervêm nas dinâmicas de formação de opinião? E na imaginação de futuros? Há uma imaginação distópica, reforçada pela indústria do cinema e da televisão, que antena a ameaça ambiental e alimenta interpretações conspiratórias do presente? O que pode o audiovisual na abertura da imaginação para relações mais tolerantes e justas entre pessoas e entre pessoas, plantas e animais?

Essas perguntas de fundo permeiam, de uma forma ou de outra, os seis artigos no dossiê, assim como os outros 10 textos e a resenha que compõem essa edição.

O texto-depoimento de Jorge La Ferla, professor da Universidad del Cine (Ucine) e da Universidad de Buenos Aires (UBA), tradutor e editor de Arlindo Machado, referência na área, membro da Comissão Editorial da *Significação*, abre o dossiê. Seu texto nos transporta para a discussão da participação de Machado na formação e na circulação dos primeiros artistas do vídeo na América Latina, com destaque a Sandra Kogut, em interlocução com expoentes do continente, especialmente argentinos. La Ferla conta que os textos de Machado que traduziu e publicou se tornaram bibliografia dos primeiros cursos a incluir o vídeo na formação acadêmica argentina. A parceria prosseguiu com atividades de incentivo às artes, promovidas por Fundações Latino-americanas subsidiárias da Fundação Lampadia: Vitae, Antorchas e Andes. Seminários e projetos inspiraram sucessivas publicações de Machado, que participa e alimenta o debate. A impureza do vídeo, no cinema, na televisão e na informática; o “ao vivo” como possibilidade original; o debate sobre a constituição das imagens em sua materialidade, são temas de Machado para dar conta das interações estabelecidas pelas mídias eletrônicas, e posteriormente pelas digitais. Imbricações entre teoria e prática estão entre as preocupações de Machado, que se aventurou em diversas ocasiões na realização de documentários e de um CD-ROM. La Ferla comenta o documentário de compilação *Complemento Nacional*, de 1978.



Em tempos em que a desinformação se propaga, desafiando a formação de opinião baseada em evidência, a discussão sobre filme científico é bem-vinda. Em seu artigo “Apontamentos sobre o Cinema Científico: Arlindo Machado”, Jane de Almeida afirma o potencial do filme científico, a partir da discussão proposta por Machado em artigo de 2014 publicado na edição 41 da *Significação*², e das incursões do pesquisador na aventura da realização de dois filmes científicos. Almeida sublinha que Machado não está preocupado em circunscrever um gênero. Sua elaboração vai no sentido inverso, ao sublinhar a presença intrínseca da motivação científica na origem mesmo do cinema. O artigo especula sobre as dificuldades de delimitar o campo; o debate sobre o filme como registro documental, e o filme como aparato com potencial de acrescentar camadas ao próprio experimento. Sublinha contribuições brasileiras, como a benção do Imperador D. Pedro II no caso da pesquisa astronômica ainda no século XIX; e já no século XX, no trabalho do também fotógrafo B. J. Duarte, autor de centenas de filmes de intervenções cirúrgicas, registradas de maneira tão aproximada que geram repulsa.

Em “Eisenstein Multimídia: uma transposição de meios”, os autores se debruçam sobre a experiência de transposição do livro *Eisenstein: geometria do êxtase* (1982) de Arlindo Machado para o formato off-line não linear, hoje obsoleto, do CR-ROM. O artigo descreve o desafio de transpor a linguagem escrita para um meio híbrido capaz de incorporar imagens e sons, a precariedade das ferramentas então existentes, o tempo de gestação de um projeto que teve três versões, e a rápida obsolescência do meio, superado pelo advento da internet. O texto resgata a experiência de pesquisa colaborativa que envolveu uma equipe de estudantes de pós-graduação que incluiu Lúcia Leão, Fernando Fogliano e Silvia Laurentiz, sob a liderança do professor e autor do livro, no ambiente do Laboratório de Linguagens Visuais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), com financiamento de agências de fomento. Baseado em depoimentos dos envolvidos e na observação das cores, formas gráficas e demais recursos utilizados,

² Machado, A. O Cinema Científico. *Significação: Revista De Cultura Audiovisual*, São Paulo, v. 41, n. 42, p. 15-29, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3HUB2eW>. Acesso em: 28 dez. 2021.



os autores salientam a relevância da experiência, que circulou em apresentações, eventos científicos e cursos de Arlindo Machado.

“Da ilusão especular à performatividade das imagens” é o título da contribuição de Cesar Baio, professor do Instituto de Artes da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), que parte das noções estabelecidas por Machado em *A Ilusão Especular* (1984), em que o autor “já colocava em discussão o modo como os processos técnicos de construção da imagem materializam formas de exercício de poder sobre o sensível, o estético, o visível” para avançar na direção de uma “teoria pós-antropocêntrica da imagem”. A ousadia do movimento procura dar conta das implicações das teorias do antropoceno e capitaloceno para o pensamento sobre imagens, especialmente imagens digitais, elaboradas com a participação intrínseca de algoritmos, que relativizam a objetividade das imagens. O autor traz Vilém Flusser para pensar sobre o que denomina de “performatividade” das imagens.

A contribuição de Eduardo Russo, diretor do programa de doutorado em artes da Universidad Nacional de La Plata (UNLP), também na Argentina, compartilha sua interpretação da obra de Arlindo Machado a partir do artigo “El imaginario numérico: simulación y síntesis” publicado em 1992 na revista *Acta Poética* da Universidad Nacional Autónoma de México (Unam). O texto apareceu acompanhado por outros, dedicados a semióticas não verbais, mas nas palavras do autor, se destacou dos demais: “asomaba una voz diferente y reacia a los encuadres disciplinares, que ejercía una mirada transversal sobre un radical cambio de régimen, cuyo alcance pocos llegaban aún a vislumbrar”. Russo afirma que, no que tange a difusão de textos, vídeos, cursos e curadorias e à penetração das ideias de Machado na Argentina, mais do que gerar simplesmente uma recepção de ideias, o pesquisador brasileiro estabeleceu interlocuções com videomakers, designers, arquitetos do país vizinho e, a partir de lá, também em outros países latino-americanos. Dentre os primeiros vídeos, de novo Sandra Kogut se destaca. Russo sublinha o caráter transdisciplinar do trabalho que lançou mão de autores diversos e combinava abordagens que relacionavam arte, tecnologia e comunicações.

O artigo de Ismail Xavier, “Arlindo Machado: um percurso extraordinário”, fecha o dossiê com o reconhecimento de alguém que, embora estivesse próximo a Machado durante seu percurso,



no mesmo departamento da USP, desenvolveu trajetória paralela. O artigo, excepcionalmente mais longo do que de praxe, apresenta a pesquisa multimídia a partir do olhar de quem raramente se desviou do interesse pelo cinema. Xavier parte da atuação de Machado nas páginas da *Cine-Olho*, legendária publicação cinéfila, revista universitária experimental já a partir do design, para percorrer livros e artigos pinçados para marcar a incursão em novas mídias. Em sua revisão detalhada dos escritos de Machado, Xavier reconhece em “A ideologia do cinema militante”, artigo do início da carreira, um ponto original comum. Machado, como Xavier, busca formas, e não simplesmente mensagens. Xavier compartilha o reconhecimento do “cinema conceitual”, “pautado por uma estética de vanguarda inspirada no construtivismo e voltada para uma forma de montagem descontínua, intelectual, ajustada a este cinema político” A diversificação de mídias leva o crítico ao trabalho autoral de videomakers como Waldemar Cordeiro, Gilberto Prado, Julio Plaza, Eder Santos, Tadeu Jungle, Arthur Omar e Carlos Nader. Mas o leva também para experimentos menos canônicos, no videoclipe e na televisão.

Em outros marcos conceituais, os dez artigos publicados nesta edição, em certo sentido ecoam o chamado para considerar as especificidades de imagens e/ou sons em mídias diferentes, as relações formais transmidiáticas, as teorias que circunscrevem um campo que inclui expressões experimentais e industriais, populares e eruditas, games, esportes na televisão, animação, cinema brasileiro moderno e contemporâneo, em que as noções de raça e gênero são problematizadas. Merece destaque a presença de estudos de som em chaves diferentes: a escola francesa de som direto no cinema, a inserção de som *over* de torcida na transmissão de futebol com estádio vazio durante a pandemia, e voz e som em *O menino e o mundo*.

No artigo “Interiores: *Wavelength* (1967) e *The Living Room* (2000), de Michael Snow”, Luiz Carlos Oliveira Junior, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), empreende análise comparativa de dois filmes do artista, usualmente entendido no âmbito do cinema experimental, para sugerir cotejos que amplificam o escopo de interlocuções possíveis, da pintura ao cinema de Méliès e ao cinema industrial de Hitchcock. Posto em diálogo com referências que vão além das classificações usuais,



o artigo potencializa o trabalho de Snow, que em sua pesquisa da imagem digital, remete a “uma crise da experiência perceptiva já colocada desde a modernidade visual do século XIX” e fortalece o reconhecimento do cinema como expressão de pensamento reflexivo, como teoria.

Frederico Feitoza, jornalista e doutor pela UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), com estágio na Universidade de Leeds, na Inglaterra, em “O conceito de ‘ato da imagem’ de Horst Bredekamp: ontologia e presença de artefatos audiovisuais”, se associa ao esforço para além do verbal, ao apresentar o pensamento do alemão Horst Bredekamp, cientista da imagem, no centro da chamada “virada icônica”, empreitada que chama atenção para o “ato de imagem” em oposição ao “ato de fala”.

A edição conta com duas colaborações que abordam o espetáculo esportivo. Daniel Malanski, pesquisador de pós-doutoramento na University College Dublin, em “A reviravolta estética do Brasil: de país emergente à pária internacional”, examina a participação brasileira no encerramento das Olimpíadas de Londres em 2012, que anunciava a próxima sede do evento, e na abertura dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro, como expressões do prestígio internacional do país que, na contramão da tendência internacional, construiu estruturas inclusivas e celebrava uma cultura de miscigenação. O autor mostra como as duas festas – de encerramento e de abertura - promoveram a diversidade bem vinda no plano internacional e contrastam com a proibição de publicidade do Banco do Brasil pelo presidente eleito em 2018, com objetivo de estancar a retórica de tolerância e defesa do meio ambiente que embalou o Brasil quando país sede das Olimpíadas.

Jorge Cardoso Filho, professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da UFBA (Universidade Federal da Bahia), e Matheus Vianna, mestrando no mesmo programa, em “Excitação na Bundesliga 2020: pandemia, futebol e retóricas de transmissão”, discorrem sobre o efeito da ausência das torcidas nos jogos de futebol durante a pandemia e sobre o recurso de inserção de efeitos sonoros que simulam a presença da multidão para a transmissão televisiva do principal campeonato de futebol alemão. A abordagem salienta a dimensão de excitação coletiva que é inerente aos espetáculos esportivos através dos tempos e como ela



reverbera na mobilização de recursos técnicos que visam compensar o distanciamento social imposto pela pandemia. O artigo está em sintonia com a busca de abordagens que privilegiem aspectos sensoriais da comunicação, em relação a esportes e televisão.

O estudo sobre o jogo *Stranger things*, de Tadeu Rodrigues Iuama, professor do Centro Universitário Belas Artes, denominado “A vida (na pós-história) está estranha: Vilém Flusser em jogo” busca interpretar um game com uma abordagem que mistura aspectos narrativos a aspectos de jogabilidade em chave, que procura relacionar os dilemas postos no game à filosofia de Vilém Flusser, pensador de origem tcheca e judaica, que viveu e produziu no exílio brasileiro, até voltar para a Europa, onde estabeleceu interlocuções múltiplas, que impulsionaram o desenvolvimento de seu pensamento.

O artigo “A escola francesa de som direto: Jean-Pierre Ruh e Éric Rohmer” de Sérgio Puccini, professor da UFJF, chama a atenção para a relevância artística do trabalho de captação de som direto, especialmente em três filmes do diretor Éric Rohmer, que se destacam pela complexidade dos sons em *off* e de sons “naturais” (ou *sons-em-si*, nos termos de Michel Chion). Baseado em análise fílmica e em depoimentos do técnico, disponíveis na Biblioteca Nacional francesa, o autor contribui para enriquecer a pesquisa sobre o fazer cinematográfico como trabalho colaborativo, em que opções técnicas de captação de som contribuem, de maneira análoga a opções de decupagem, para a apresentação das relações de espacialidade no filme.

De Portugal vem a contribuição do pesquisador do ISCTE (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa) Branco di Fatima, com merecido resgate da obra de um cineasta brasileiro pouco estudado. “Cabaret mineiro: o cinema sertanejo de Carlos Prates” relaciona o trabalho experimental do diretor que foi assistente de Joaquim Pedro de Andrade à literatura de Guimarães Rosa e a cultura regional do norte de Minas, local de Montes Claros, terra de Prates. O autor salienta o tom de troça e gozo com que o cineasta mobiliza referências radicais e heterodoxas, que por vezes combinam, num mesmo enredo, a pornochanchada da Boca do Lixo e a crítica social do Cinema Novo.

Três artigos abordam o cinema contemporâneo brasileiro, sendo a construção sonora, especificamente da voz infantil, elemento privilegiado em “O menino e a linguagem: infância e voz



em *O menino e o mundo*” de Fabiana Paula Bubniak e Dilma Beatriz Rocha Juliano, respectivamente, doutoranda e professora do Programa de Pós-Graduação em Linguagem da Unisul (Universidade do Sul de Santa Catarina). As autoras recorrem a Lacan e Agamben para problematizar as relações entre infância e voz, privilegiando aspectos sonoros de um filme longa-metragem de animação, mais conhecido pela originalidade visual baseada em desenhos do diretor Alê Abreu, e pela sensibilidade com que sintetiza a degradação do ambiente urbano, vista pelos olhos de uma criança em busca do pai migrante em ambiente marcado pela desigualdade e pela degradação urbana.

Em “A utopia matriarcal (re)encenada no tríptico brechtiano de Helena Ignez” Sandro de Oliveira, professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG), aponta conexões interdiegéticas entre três filmes da diretora e suas conexões com trabalhos anteriores de atuação, sugerindo relações de continuidade entre o trabalho da atriz-diretora, especialmente no que se refere ao “matriarcado de Pindorama” nos termos de Oswald de Andrade, enfatizando assim conexões entre o cinema marginal e contemporâneo e o modernismo associado à Semana de 22, que comemora seu centenário este ano.

Em *Corpos, raça e classe: confrontamentos do espaço urbano em Aquarius*”, de Luís Henrique Marques Ribeiro, mestre pela UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e doutorando no PPGCINE (Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual) da UFF (Universidade Federal Fluminense) e Luiz Antonio Mousinho, professor da UFPB, discutem possibilidades de interpretar o jogo de presença e ausência de corpos negros no espaço urbano da capital pernambucana no segundo longa de Kleber Mendonça Filho. O artigo mobiliza noções de estereótipo, e na linha do pensamento de Michel Foucault, as dimensões simbólicas do poder disciplinar, para especular sobre o potencial de resistência à discriminação visual associada à raça.

A resenha de *Políticas da imagem – vigilância e resistência na dadosfera* de Giselle Beiguelman, videoartista e professora da FAU-USP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), que iniciou sua carreira docente na PUC-SP, no mesmo programa em que Arlindo Machado desenvolveu boa parte de sua pesquisa, encerra esse volume com a apreciação de uma contribuição contemporânea, atenta aos movimentos das imagens, em diálogo com os estudos de



cinema, mas também alerta aos fenômenos da cultura audiovisual digital e aos desafios postos pela sobreposição das crises política e sanitária às conquistas do Brasil democrático.

A partir da próxima edição, a *Significação* adota o modo da publicação continuada, possibilidade editorial que permite maior agilidade. Estamos ativando intervenções no Facebook e no Instagram e pretendemos retomar nosso canal no YouTube, com o intuito de contribuir para a circulação dos conteúdos da revista. Contaremos também, a partir do próximo número, com a colega Cecília Mello na equipe editorial. Patrícia Moran editou a revista até outubro, quando decidiu priorizar outras atividades acadêmicas. Concluí o trabalho com ajuda de Maria Dora Mourão que assumiu o cargo em seu lugar. Agradeço a elas, a nossa estagiária e assistente editorial Luiza Tofoli dos Santos e a nossos bolsistas PUB-USP (Programa Unificado de Bolsas de Estudo para Apoio e Formação de Estudantes de Graduação), Felipe Fabris e Yuri Rodrigues da Conceição pela imprescindível colaboração.